

LITERATURA E POLÍTICA: AS CONTRADIÇÕES DO SOCIALISMO EM “O PLANALTO E A ESTEPE”

Adilson Vagner de Oliveira¹

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

Resumo: Este texto propõe analisar alguns aspectos políticos do romance angolano. Como material de reflexão utilizou-se a obra *O planalto e a estepe* (2009) de Pepetela, por fornecer elementos substanciais para demonstrar as incoerências do socialismo em Angola. A partir de um trajeto internacional de educação política, as críticas ao modelo soviético transformam-se numa constante neste romance. Como fundamentação teórica foram selecionados os trabalhos de Rita Chaves sobre a formação do romance angolano, e Abdala Junior para a discussão dos elementos políticos da literatura africana em língua portuguesa a fim de destacar as marcas de rupturas culturais em que se estabelecem a escrita literária engajada.

Palavras-Chave: Romance; Política; Socialismo; Literatura Africana, Pepetela.

Abstract: This text aims to analyze some political aspects of the Angolan novel. As a reflecting material it was used the work *O planalto e a estepe* (2009) by Pepetela, for providing substantial elements to show the inconsistencies of socialism in Angola. From an international journey of political education, criticism of the Soviet model becomes a constant in this novel. As a theoretical basis we selected the work of Rita Chaves on the formation of the Angolan romance, and Abdala Junior to discuss the political elements of African literature in Portuguese in order to highlight the marks of cultural disruptions that are established engaged literary writing.

Keywords: Novel; Politics; Socialism; African Literature; Pepetela.

¹Professor de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras do IFMT Campus Juína. Especialista em Ensino de Português e Literatura. Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação PPGEL-UNEMAT e Doutorando em Ciência Política pela UFPE. E-mail: adilson.oliveira@jna.ifmt.edu.br

Introdução

O romance *O planalto e a estepe* (2009) descreve a trajetória de um amor impossibilitado pelas tramas da política estatal que sustentadas pelos métodos do sistema socialista que conseguiu ascender e declinar diante de tantas incoerências ideológicas e práticas. O discurso literário de Pepetela se solidariza com o discurso da História para que se possam compreender as relações tão profundas entre o fazer literário e o percurso angolano de reconhecer sua história social.

A discussão política transita em todos os capítulos da história, o enredo amoroso sustenta na verdade um tratado teórico que discute as incoerências do sistema socialista de governar a Angola pós-colonial. Pepetela internacionaliza seu enredo, partindo dos planaltos angolanos, para o centro propagador do socialismo do mundo, a União Soviética, a partir dos meados do século XX, as constantes decepções no amor que Júlio sentiu pela jovem mongol Sarangerel foi o retrato dos desapontamentos que o jovem revolucionário defrontou-se por causa dos caminhos tomados pelos ideais socialistas do qual acreditava profundamente.

Dessa forma, esta reflexão teórica buscou apontar o percurso parabólico de desencantamento pelo socialismo que se converteu a grande viagem do protagonista-narrador durante as décadas de sonhos e decepções. Este artigo propõe-se a discutir inicialmente algumas das características mais significativas do romance angolano, seu caráter de resistência e sua temática expressiva, contrastando com a nova escrita literária de Pepetela, através da universalização temática, visando à compreensão da história política de Angola dentro do cenário internacional.

O Romance Angolano

O diálogo com a história e a política mundial fez do romance angolano não somente uma escrita de resistência que marcou o trajeto poético da literatura local, mas também traçou ao longo das últimas décadas do século XX o seu projeto ético de discutir literatura e política a partir do cenário angolano como protagonista das grandes mudanças esperadas para o próximo século. Assim, a literatura de Angola demonstrou suas raízes profundas nas lutas de resistência e nos projetos utópicos de transformação da sociedade, e essas produções tomaram corpo para o novo século, passando a ser o tema principal dos estudos literários pós-coloniais.

Contudo, com o amadurecimento crítico e poético de autores consagrados das literaturas africanas em língua portuguesa, surge no século XXI uma literatura enriquecida pelo seu caráter universalista moldado pela sua capacidade de discutir a sociedade e a política mundial de maneira dialógica e interativa que consegue propor temas universais, mas que passam pela realidade local com grande maestria, como é o caso da obra *O planalto e a estepe* de Pepetela.

Para Chaves (1999, p.20) “a leitura dos romances produzidos em Angola permite-nos acompanhar os desdobramentos dessa travessia assumida pela palavra, no interior de um universo em que as diferenças emergem e têm na contradição a sua chave”, e é a partir desta perspectiva que se pode ler esta obra de Pepetela. Escrito em 2009, o romance expressa em seu subtítulo “Angola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível”, o panorama histórico em que se baseia o aspecto político do romance, e como parte de um “projeto de investigação sobre as realidades que compõem o país”(CHAVES, 1999, p.21), a obra busca descrever as contradições éticas do socialismo por meio das dificuldades amorosas do casal protagonista Júlio e Sarangerel.

O plano de fundo histórico do romance conduz o leitor a lugares-símbolos do socialismo, como União Soviética e Cuba, dando espaço também à Mongólia e Angola, evidentemente. Com muito mais ênfase às impossibilidades de concretização política do socialismo do que ao amor, *O planalto e a estepe* (2009) reflete o desencantamento do narrador Júlio diante das incoerências do sistema político em que estava inserido. As perspectivas tomadas pelo personagem-narrador revelam o objetivo maior de discutir a história política dos países socialistas no final do século XX.

Superando os limites instaurados pelos projetos estéticos de formação de identidade nacional, o romance do novo século angolano percorre caminhos mais distantes, não como forma de atender às críticas do passado sobre a universalidade da literatura angolana, diante das produções de caráter histórico que fechavam em si mesma a própria Angola pós-colonial, mas para compreender que os fenômenos políticos estão sempre conectados, uma vez que a mundialização de ações econômicas e sociais particulares produziu uma condição de interdependência muito significativa entre as nações do mundo contemporâneo. O resultado de toda esta dinâmica histórica, política e social não poderia ser diferente para o contexto angolano, visto que refletir a condição global atual de Angola exige de qualquer analista um resgate panorâmico da história política do país.

Em oposição aos trabalhos literários de Pepetela durante as últimas décadas do século XX, em que a guerra esteve presente como princípio poético de um número considerável de produções do autor, o novo romance angolano busca uma reflexão integradora, a fim de fortalecer a literatura angolana diante das literaturas europeias consolidadas pelo valor de universalidade defendido pelos críticos do passado.

Dessa maneira, como havia ressaltado Rita Chaves (1999), a própria escolha do gênero literário justifica-se pela capacidade de incorporar os

fenômenos da realidade do cotidiano ao enredo ficcional, e como material de investigação, o romance de Pepetela propõe uma observação sobre as especificidades da formação política angolana por meio de perspectiva crítica sólida que decidiu tomar partido diante da história de ascensão e declínio das ideias socialistas tão fortalecidas em várias partes do mundo durante o século XX, inclusive em Angola.

Se o objeto de reflexão é produzido num contexto tão singular como o que podemos observar em Angola, a opção interdisciplinar torna-se imperiosa. As particularidades que remarcam a situação histórica desse país reclamam do pesquisador um olhar capaz de apreender uma vasta e intrincada rede de diferenças e contradições que, atuando visivelmente na definição das relações sociais, impõem uma fisionomia muito própria a toda matéria cultural ali produzida. (CHAVES, 1999, p. 29).

As palavras de Rita Chaves para discutir a formação do romance angolano refletem as exigências acentuadas que caracterizam a escrita literária africana, dadas as circunstâncias de origem e desenvolvimento do gênero ao longo das décadas. Pepetela proclama na obra *O planalto e a estepe* (2009) esta abordagem “interdisciplinar” recomendada pela crítica brasileira. Trata-se de uma verdade muito importante para o fortalecimento da literatura angolana na contemporaneidade, pois, por vias comparativas que estabeleçam uma linearidade para a produção literária de Pepetela, pode-se afirmar que as diferenças de construção da escrita e dos temas não compactuam de uma incoerência do escritor, mas apresenta-se como uma ampliação do campo de atuação e alcance do gênero literário privilegiado pelo escritor.

Chaves (2005, p.62) ainda acrescenta a esse panorama, defendido pela autora também na obra “*Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*”, a condição de que “vivenciando um tempo de futuro tão incerto, o escritor de Angola tem o seu imaginário povoado por dimensões do passado e, quase sempre, o regresso a esse tempo anterior conduz o seu

exercício de pensar a sua contemporaneidade”. Marcada durante séculos pelo discurso do colonizador, Angola sofreu com as políticas de apagamento do passado e a desintegração dos valores culturais locais. E como ferramenta da descolonização cultural, a literatura pousou sempre sobre um campo de ideais que pudessem resgatar a história do país, visando à compreensão do próprio presente.

A partir de uma reflexão sobre as condições de pensar o sujeito pós-colonial, o teórico mexicano De Oto (2003, p.18) defende a ideia que o passado histórico constitui a própria figura pós-colonial, uma vez que a alienação, como resultado da historicidade, foi construída ideologicamente pela submissão à empresa colonial, portanto, não se pode pensar esse sujeito fora da reconstituição histórica.

Entretanto, torna-se válido destacar que essa necessidade de tomar consciência sobre seu próprio passado é resultado também do processo colonial, pois, proclamar a ausência da história do colonizado havia sido a prática discursiva preponderante do colonizador europeu durante a dominação do continente africano.

Para entender os processos culturais que estão em jogo, quando se trata de pensar, principalmente, em categorias de caráter abrangente como as de colonizador e colonizado e nos interstícios nos quais a alienação se produz historicamente.
(DE OTO, 2003, p.65, Tradução nossa).

Em outras palavras, a literatura pós-colonial, no caso específico angolano, proclama a tomada de consciência sobre a alienação histórica dos povos colonizados, visto que essa prática estética e poética pode ser percebida como estratégia de resistência à história narrada sempre pelo colonizador.

Ao dar voz ao intelectual angolano, a escrita romanesca se fortalece como registros poéticos da história social do país, ao mesmo tempo em que

entra em diálogo direto com outros contextos semelhantes, surgindo, assim, produtos híbridos que exaltam a modernidade de suas produções.

Abdala Junior (2007, p.39) destaca que a modernidade como estratégia discursiva acaba por exigir rupturas técnicas e estéticas que via de regra, possuem também implicações políticas na medida em que ajustes culturais são indispensáveis para tal progressão, e para os escritores engajados, como é o caso de Pepetela, unir a dinâmica cultural externa com a cultura tradicional significa dizer que os produtos literários como o romance angolano oferecem atualizações culturais que visam modernizar o pensamento social.

Essa dialética socioliterária oferece elementos que alimentam o que Abdala Junior (2007, p.42) chamou de “linguagem artística como produto de uma práxis social”, em suma, é a escrita literária tomada como ação dentro das diferentes comunidades que se solidarizam artisticamente.

Portanto, essas novas configurações para o romance angolano tornam-se mais dinâmicas esteticamente, e interagem com o material poético externo obtendo, assim, obras que se internacionalizam ao mesmo tempo em que se utilizam do elemento local como parte deste dinamismo.

Pepetela consegue sintetizar a “Angola, dos anos 60 aos nossos dias” em um romance que é basicamente dialético no que se refere a sua capacidade de confrontar o aspecto cultural angolano com inúmeras antíteses ideológicas externas, resultando numa síntese literária de alta qualidade discursiva ao buscar traçar as contradições do mundo socialista em todas as suas práticas antidemocráticas, utilizando-se das mudanças de ambientes como ferramenta de ruptura cultural com a literatura de resistência pós-colonial principalmente dos anos 60 e 70.

Angola e a crítica ao socialismo.

A obra *O planalto e a estepe* (2009) pode ser visualizada como uma descrição de encontros sucessivos de mundos culturais e políticos muito diversos. Ao descrever a diáspora angolana dos membros das elites do país que migravam para outros locais para dar continuidade aos estudos superiores a fim de que retornassem formadas as classes administrativas da Angola pós-colonial. Dessa forma, Júlio, “um branco de olhos azuis”, narra sua própria trajetória a partir de sua saída dos Rochedos da Tundavala, o planalto de Huíla no Sul de Angola presencia a construção política e social de um de seus membros beneficiados pela herança colonial.

[...] Primeiro teve capim como cobertura. Depois chapas de zinco. Finalmente telhas.
Houve progresso.
Nasci na fase intermédia, das chapas de zinco. Na do capim tinha nascido a Olga, minha irmã mais velha. Depois, já na de telhas, nasceram o Zeca e o Rui, meus mais novos. Só eu tive direito, ao ser atirado para o mundo, a ouvir chuva batendo em chapas de zinco. (PEPETELA, 2009, p.10).

Ao traçar o histórico de sua família, o personagem-narrador, Júlio, estabelece também os elementos de mudança social que sustentarão todas as suas ações futuras fora do país de nascimento. O primeiro passo do protagonista foi tomar consciência sobre sua condição de branco, num país de negros cuja divisão social era clara e perpetuada; em suas palavras “Não me lembro de nenhum negro na escola. Mas devia haver, pois se dizia Salazar construiu uma Angola multirracial. Bem, nessa altura nem percebia ideias nem palavras tão complicadas” (PEPETELA, 2009, p.13).

Júlio percebia a humanidade na alteridade acima de qualquer outra marca de diferença que o mundo dos adultos pudesse cultivar em seu país. Principiando sua trajetória de crítico infante da divisão social de seu lócus natal,

o protagonista começa logo cedo a perceber as incoerências do jogo político de seu país.

Um branco com amigos negros era um branco estranho, malvisto. Subversivo.

Salazar não gostava dos subversivos e Salazar tinha muitos seguidores na cidade. Um dia dois homens com chapéu cinzento na cabeça encostaram-me a um canto do liceu. Então és tu o bolchevique amigo dos pretos... (PEPETELA, 2009, p.21).

A subversão do escritor se equaliza às ações de seu personagem principal, a escrita é composta por diálogos sem marcas tradicionais de paragrafação, contudo, todas as vozes são percebidas e entendidas perfeitamente. O discurso colonial capitalista se concretiza pelas referências ao regime do ditador Salazar, defrontando-se com a nova realidade de edificação socialista no país a partir da década de sessenta. O “bolchevique amigo dos pretos” adquire o peso das escolhas ideológicas que o protagonista faz durante toda a sua história de crença e desilusão com o modelo de igualdade social proclamado.

Entre oito capítulos e um epílogo, a “grande viagem” de Júlio por algum dos países mais representativos do conflito mundial da época, a expansão socialista sustentada pela então União Soviética, ultrapassa os limites locais dos conflitos dualistas entre colonizador e colonizado. O projeto político do país levará o angolano branco, filho de colonos a Portugal, União Soviética, Mongólia e Cuba, como um tratado político internacional, o cenário angolano se internacionaliza a fim de compreender a dinâmica macroestrutural em que o jovem Júlio se percebe.

De fato, a História tem um papel central na produção literária visto que os escritores vão examinar o passado para examinar a forma como o sentimento nacional se desenvolveu. A História é revisitada, tanto para compreender os fundamentos da identidade nacional quanto para fazer uma leitura crítica da situação que se encontra o país depois da independência. (SANTOS, 2013, p. 168).

O importante fato que Bárbara Santos chama a atenção em sua discussão sobre as literaturas pós-coloniais da África lusófona está ligado diretamente ao diálogo literário explícito com a História, como método estético de construir a narrativa angolana, Pepetela contextualiza muito bem o trajeto de conscientização de Júlio, estabelecendo o percurso de educação política a qual Angola precisa(va) tomar consciência.

Para Chaves (1999, p.50) a própria realidade que se demonstrava a partir da década de 60 impossibilitava qualquer desejo de isolamento para a sociedade angolana, e a literatura não poderia ficar protegida desses impasses, a tentativa de procurar respostas para as crises recorrentes transita o discurso literário como abordagem alternativa para a propagação da discussão política da qual o escritor compactua.

O protagonista Júlio após meses de tentativa de estudos em Portugal se sente na obrigação de colaborar com as revoluções africanas que ferviam em seu continente natal. Partindo novamente para a África, buscou fazer parte do treinamento militar na fronteira entre Marrocos e Argélia, contudo, a sua “essência” de branco desacreditava seus companheiros de luta armada, como aponta a passagem:

A razão era não existirem condições subjetivas para os mais claros participarem na luta armada. Traduzido por miúdos, os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação, pelo menos havia dúvidas quanto à sua nacionalidade. E utilidade. De novo as raças a separarem os grupos. Fiquei desiludido, sobretudo humilhado. (PEPETELA, 2009, p.31).

Já que pelo seu nível de “nacionalidade” não poderia participar da luta armada, Júlio fora reconduzido a outro lugar, Moscou seria seu destino, novamente como universitário, agora estudaria economia para poder “desenvolver o país livre”. A adaptação do protagonista ao núcleo provedor das ideias socialistas no mundo deu-se de forma intrigante, uma vez que os

princípios defendidos pelo modelo econômico e político russo seria constantemente questionado pelo seu caráter normativo e excludente.

[...] o internacionalismo proletário obriga a misturar pessoas diferentes para se conhecerem e se solidarizarem umas com as outras. Salim era o mais teimoso, pegou a palavra, estamos a estudar russo e não internacionalismo proletário, e é mais fácil aprender se o fizermos em conjunto. (PEPETELA, 2009, p.35).

O desejo dos universitários de ficarem no mesmo quarto na residência estudantil havia sido repreendido pelo princípio socialista de aproximar povos e nações diferentes, promovendo a igualdade e o respeito recíproco, porém, a condição de Júlio como africano mostrou-se o maior impasse para o seu relacionamento futuro em Moscou. O internacionalismo propagado pelo socialismo tornou-se uma via de mão única utilizada apenas para o atendimento de interesses privados reservados às lideranças estatais.

— Os revolucionários como nós só têm um caminho. Aprender o máximo, para depois esquecer algumas coisas. Não temos de repetir os erros que estes tipos cometem. Temos de inventar o nosso próprio caminho em África.
A via africana para o socialismo. (PEPETELA, 2009, p.43).

Decepcionados com os procedimentos dos poderes socialistas em Moscou, no que se referem às ações de espionagem e traição dentro do partido, Júlio e seu camarada também africano Jean-Michel defrontaram-se com situações que não condiziam com a ética socialista. Ainda assim, defendiam uma proposta específica de socialismo para África, como forma de alcançar a equidade entre os indivíduos e entre os povos. Como sintetiza as práticas políticas do partido em oposição aos seus discursos “só para os profetas e os escritores as palavras são sagradas”.

O encontro de Júlio, o representante do planalto angolano com uma jovem estudante vinda dos estepes da Mongólia para também estudar em Moscou, Sarangerel, foi o marco crítico que o pôs diante das decepções

socialistas, pois, filha de ministro mongol, todos os passos tomados pelos dois eram constantemente monitorados e vigiados como ações militares, o internacionalismo se esvaece diante da impossibilidade desse amor entre uma socialista mongol e um angolano. As estratégias militares dos líderes políticos socialistas haviam se transformado em prática cotidiana para se resolver qualquer evento que não estivesse previsto pelo serviço moscovita de investigação.

“A história real de um amor impossível” estava sendo escrita em Moscou, a aproximação entre os dois representantes de seus povos socialistas havia sido um erro, que Júlio não podia perceber devido à grande esperança que sempre depositou neste modelo político. Propondo casamento a Sarangerel, o protagonista realmente ainda não entendia como o sistema burocrático funcionava na realidade, o jogo político comandava qualquer suspiro opositorista.

Era a única solução. Romeu e Julieta casando com a cumplicidade de um padre, como Shakespeare escreveu. Infelizmente ali não havia padres complacentes apenas zelosos funcionários do Estado soviético, hieráticos e inflexíveis como qualquer burocrata. (PEPETELA, 2009, p.65).

O socialismo não havia conseguido eliminar o racismo de suas relações, as palavras de Lênin possuíam funções diferentes de acordo com o posicionamento dentro da estrutura do Estado soviético. Júlio, apesar de branco, era africano e isto lhe determinava exatamente o que poderia fazer e até onde chegaria dentro da escala diplomática internacional, uma vez que “a solidariedade entre os povos começava a ficar esfumada nas minhas ilusões” (Ibidem, p.71).

Pouca ou nenhuma rentabilidade no trabalho, mas pleno emprego, norma nunca confessada, mas sendo o verdadeiro eixo do sistema socialista. Todos se sentiam úteis, sem noção de serem quase inúteis. Gente feliz, portanto. (PEPETELA, 2009, p.73).

Esta era a grande crítica de Júlio ao sistema socialista, a eficiência dos membros estava presa à prerrogativa de fazer ou não o que deveria ser feito,

segundo às recomendações hierárquicas. A burocracia estatal fechou-se numa política de troca de favores e privilégios, não somente na União Soviética, mas também em todas as nações seguidoras das ideias socialistas. Com descreve Filho (1998, p.251):

A burocracia reservava, de forma privilegiada, primeiro a si, a seus amigos e parentes, os bens escassos nessa sociedade subdesenvolvida e sofrida pelos afeitos da guerra [...] Possuir um parente na nomenclatura dos dirigentes para conseguir ser atendido pelos burocratas, de forma mais eficiente tornou-se uma necessidade que desencontrava-se dos ideais socialistas.

O que está refletido na obra de Pepetela, trata-se de um relato de experiência das quais o escritor já presenciava durante a década de 80 enquanto fazia parte do sistema burocrático. As atribuições de escritor lhe permitiram lançar críticas diretas ao sistema por meio da escrita literária. *O planalto e a estepe* (2009) torna-se uma síntese de décadas de contato com as incongruências do socialismo em Angola, a mudança de ambientes durante o romance não particulariza os eventos, mas acaba por generalizar algumas das práticas que não somente o protagonista, mas também o próprio autor questionava.

O socialismo democrático tornou-se uma ideologia utópica diante da lógica de poder propagada nas nações socialistas, o poder burocrático estabelecia-se como um dogma excludente e repressor.

E como a história de Júlio e Sarangerel sempre tendeu a tornar-se mais dramática, surge uma gravidez que separará o casal por mais de trinta anos, dentro do modelo administrativo do ministro mongol, a filha foi trazida autoritariamente ao seu país. Utilizando-se da ironia ácida de Júlio, as palavras de Pepetela se transportam para a fisionomia de seu personagem.

Um revolucionário sabe educar os seus filhos dentro dos princípios do socialismo, isto é, a fidelidade mais absoluta à pátria e ao grande líder. Ter uma ligação com um estrangeiro revela falta de fidelidade à pátria, prova de uma péssima educação em casa. E

quem não sabe educar os filhos não pode ter um posto importante num país internacionalista e revolucionário. (PEPETELA, 2009, p. 86).

O retorno de Júlio à África lhe ofereceu um envelhecimento triste e decepcionante, seus anos de estudos socialistas converteram-se em décadas de serviço militar sem grandes efervescências sentimentais, tudo o que restou da história de amor em Moscou foi a esperança no ser humano e não mais em sistemas políticos mitificados pelas relações de interesse e pela burocracia estatal. Aos termos do protagonista, “morta a mística da revolução socialista e popular, ficou de qualquer modo a solidariedade em relação aos povos que lutavam pela independência em África” (Ibidem, p.109).

O reencontro de Júlio e Sarangerel só pôde acontecer muitas décadas após a separação “diplomática” em Moscou, já envelhecidos pelas décadas de luta pelo resgate da humanidade das pessoas, a vinda da senhora mongol à Angola para conhecer a África de seu imaginário pareceu ser reconfortante. “Gostou da casa, gostou de Dona Dulce, gostou do cheiro, do clima, da balbúrdia da cidade, do nosso desgoverno e indisciplina de todos os dias, gostou de tudo” (Ibidem, p.174).

Os destaques ao desgoverno e a indisciplina foram o resultado de décadas de golpes de estado, guerras, ditaduras e outras particularidades da política angolana. A grande trajetória do protagonista Júlio descreve um amor impossível, mas na verdade acaba por relatar a sua busca de décadas por uma forma de política que lhe causasse os mesmos sentimentos que compartilhava com Sarangerel, seus ideais sociais estiveram sempre presentes no enredo de separação e desilusão. O desencantamento com as revoluções não lhe tirou a esperança numa terra solidária que pudesse atender não somente aos brancos como ele, mas também a todos os seus amigos de infância no planalto angolano. E assim, “quando a pretensa revolução desmoronou, assistindo eu a toda a espécie de oportunismos, de ambições escondidas, de traições, a

esperança louca nesse amor me deu força de desejar sobreviver [...]” (PEPETELA, 2009, p.187).

Considerações Finais

Como um precursor significativo da literatura angolana, Pepetela pôde colaborar imensamente com a formação do sistema literário do país, por meio de produções literárias que fazem releituras do passado como formas de compreensão da realidade atual. *O planalto e a estepe* (2009) não foi diferente de sua trajetória poética, contudo, o romance promove um grande passo para consolidação do escritor no cenário literário mundial, a partir de uma narrativa esteticamente singular, e de uma temática que ultrapassa os limites do tempo e espaço devido a sua contemporaneidade.

A discussão política proposta por Pepetela nesta obra estabelece uma reflexão densa sobre os percursos tomados pelas lideranças políticas em vários países na atualidade, as decepções e desencantamentos existentes na narrativa angolana questionam outras formas de governo, ainda que o modelo soviético não tenha sido capaz de promover igualdade social e estabilidade econômica, suas falhas nos instigam a repensar realidades distintas que comungam de equívocos burocráticos, ou mesmo “desgovernos” como mencionado pelo protagonista da obra de Pepetela.

Portanto, é válido ressaltar que o caráter universalista atingido por Pepetela fortalece a sua história literária, ao ser capaz de oferecer um panorama diacrônico sobre a realidade angolana ao longo de várias décadas e fazer refletir as oscilações de humanidade de nossa História. Desde as obras mais militantes da década de 60 e 70, ultrapassando os limites dos gêneros literários, Pepetela tem sido capaz de oferecer um tratado teórico sobre História e Sociedade em Angola pela literatura, por estar presente nos marcos mais

importantes do século XX africano e poder observar as consequências dos erros do passado diante do país no novo século.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política: Literaturas de língua portuguesa no século XX**. 2ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **De voos e ilhas: literatura e comunitarismos**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

_____. **Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

DE OTO, Alejandro. **Frantz Fanon: política y poética del sujeto poscolonial**. México: El colégio de México, 2003.

FILHO, Sílvio de Almeida. A desilusão com o socialismo em Angola. Uma leitura através da narrativa literária (1975-1985). Porto Alegre: Revista Ciências e Letras – **África Contemporânea: história, política e cultura**, nº21 e 22, 1998.

PEPETELA. **O planalto e a estepe: Angola, dos anos 60 aos nossos dias**. A história real de um amor impossível. São Paulo: Leya, 2009.

SANTOS, Bárbara. As literaturas pós-coloniais da África Lusófona. In: ALMEIDA, Júlia; *et al.* **Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.